



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 66-67
2014-2015

AS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO CASTELO DOS MOUROS, SINTRA – 2009 A 2013

Maria João de Sousa

Parques de Sintra Monte da Lua, S.A. / maria.sousa@parquesdesintra.pt

Resumo

O projeto arqueológico desenvolvido no Castelo dos Mouros – Sintra, de 2009 a 2013, pôs a descoberto novas estruturas domésticas muçulmanas, uma necrópole medieval cristã e, entre estas, numerosos fragmentos de produções cerâmicas do Neolítico antigo do atual território português, sendo um dos achados mais relevantes um vaso inteiro e diversos fragmentos de cerâmica simbólica, raros na Pré-História do nosso País.

Palavras-chave: Castelo, Neolítico, Bronze, Cerâmica, Islâmico, Necrópole.

Abstract

The archaeological project undertaken at the Moorish Castle – Sintra, from 2009 to 2013, under the direction of the archaeologist Maria João de Sousa and Parques de Sintra – Monte da Lua, S. A. served to discover new Moorish domestic structures, a Christian medieval necropolis and, in among these, numerous fragments of ceramic productions dating in age from the ancient Neolithic period through to the early centuries of Portuguese occupation of this site with the most significant finds including an entire vase and diverse fragments of symbolic ceramics, rare in the Pre-history of Portugal.

Keywords: Castle, Neolithic, Bronze, Ceramics, Islamic, Necropolis.

O Castelo dos Mouros, construído no topo de um dos cumes rochosos mais altos da Serra de Sintra, localiza-se no interior da Paisagem Cultural de Sintra, classificada pela UNESCO como Património Mundial (1995), e foi sempre um dos locais mais visitados da zona de Lisboa, devido à sua relação simbólica com o passado histórico da região e pelo sítio, de onde é possível admirar uma espetacular vista panorâmica da costa, da vila de Sintra e até Mafra.

Não tendo sido objeto de intervenções significativas nas últimas décadas, a Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., a quem a gestão do Castelo está entregue, pôs em marcha o projeto “À Conquista do Castelo”, com o objetivo de restaurar e valorizar o Castelo dos Mouros.

1. EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

A existência de várias realidades arqueológicas distintas já se encontravam referenciadas por trabalhos realizados em 1981, 1993-1995 e 1998-2000 onde se identificou uma ocupação neolítica, parte da necrópole da Igreja de São Pedro de Canaferrim e estruturas de uma habitação muçulmana (SIMÕES, 1999 e COELHO, 2000).

Os trabalhos arqueológicos que decorreram entre 2009 e 2013 pretenderam alargar, integrar e aprofundar os estudos anteriores e permitir conhecer, de modo mais objetivo, as ocupações humanas do castelo, as suas fases construtivas e espaços de vivência. (Fig. 1)

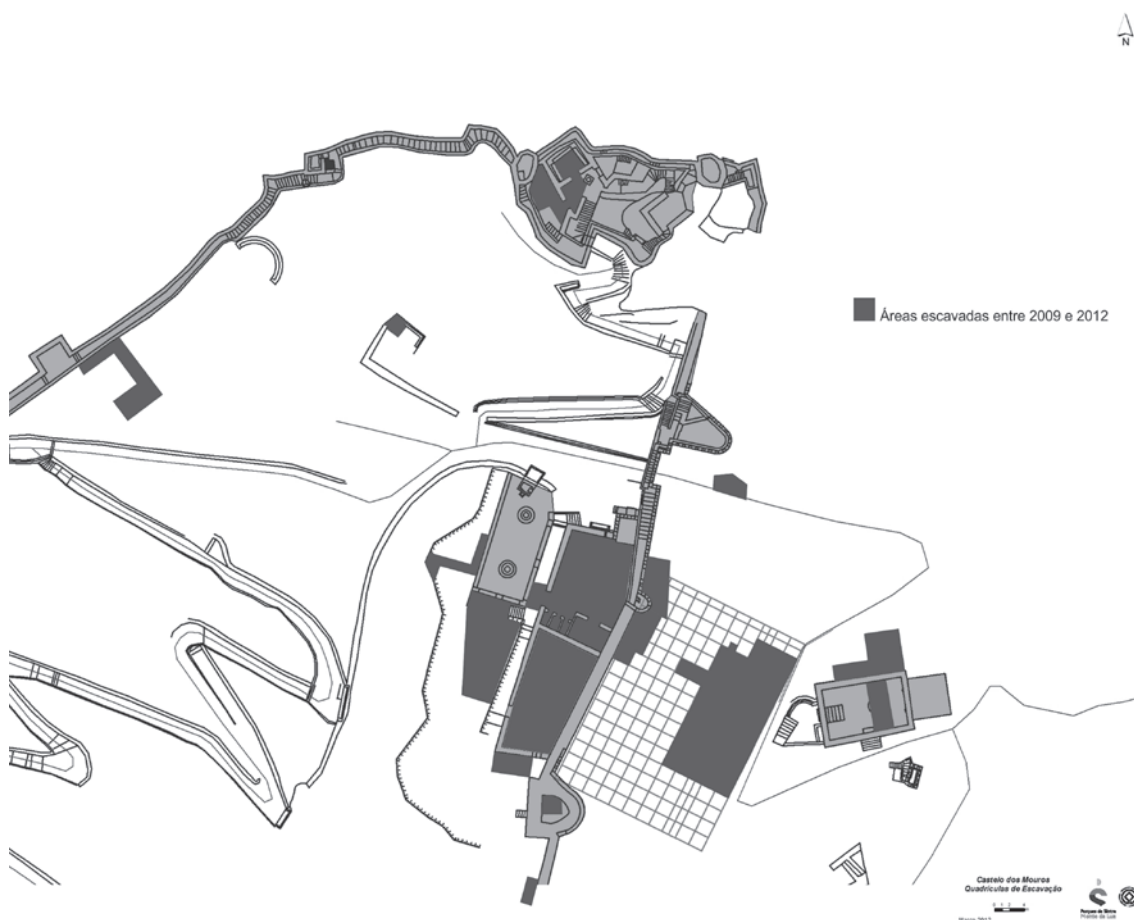


Figura 1 – Planta das áreas escavadas.

2. A IGREJA DE SÃO PEDRO DE CANAFERRIM

Fundada no século XII, após a tomada do Castelo, a Igreja de São Pedro de Canaferrim funcionou como igreja paroquial até pelo menos ao século XV, data atribuída à pintura mural existente na abside (SERRÃO, 1980), bem como à imagem de pedra, representativa de São Pedro, que hoje se conserva na Igreja Matriz de São Pedro de Penaferrim e que daqui terá provindo (RODIL e CARVALHO 1995: 13).

Em 1981 foi alvo de escavações arqueológicas que identificaram parte da necrópole em redor do templo (VAA, 1998: 221-223) e em 2010 a PSML optou por desmontar o canteiro existente no interior, resultante da intervenção realizada por D. Fernando II no século XIX, escavando essa área, o que viria possibilitar a determinação de cotas de pavimento e, no exterior, a delimitação de algumas sepulturas cobertas por lajes de calcário.

3. A NECRÓPOLE

Ocupando uma vasta área que se estende entre a muralha nascente do Castelo e a porta poente da Igreja, a Necrópole terá sido danificada em 1840, com as obras promovidas por D. Fernando II, para a abertura do Castelo aos populares.

Uma vez que os cemitérios cristãos tendem a agregar-se às igrejas a partir dos séculos XI/XII, processo que acompanha a implantação da rede paroquial, neste caso a necrópole cristã terá crescido a partir da conquista definitiva de Sintra em 1147.

Nas cerca de trinta e três sepulturas escavadas nas campanhas entre 2009 e 2012, verificou-se que, na maioria dos casos, existia mais do que um indivíduo por sepultura sendo relativamente comum adultos, crianças e adolescentes partilharem o mesmo espaço. Os rituais funerários são aparentemente simples. Os indivíduos encontram-se em decúbito dorsal, com os braços ao longo do tronco e as mãos assentes no ventre; os ossos de inumações anteriores encontravam-se acumulados na cabeceira ou na zona inferior da sepultura. (Fig. 2)



Figura2 – Sepultura com vários enterramentos.

Identificaram-se diversas soluções de inumação, sendo a mais comum a sepultura escavada no granito em desagregação, coberta por toscas lajes de calcário. Todavia, registam-se também deposições em fossa simples e sepulturas estruturadas com pedras mais ou menos aparelhadas. Ocorrem ainda casos em que o indivíduo é apenas depositado sobre o afloramento e delimitado o espaço de sepulcro por blocos de granito de grande dimensão.

A escavação destas sepulturas permitiu observar que as mesmas fazem uso de estruturas anteriores, tendo sido possível identificar silos e alicerces de estruturas domésticas destruídos com a criação desta necrópole.

É ainda de salientar que foram descobertas várias moedas que datam de entre os séculos XII e XIV, corroborando a prática conhecida durante a tardo-antiguidade e época medieval, do óbolo de Caronte.

Esta necrópole encontra paralelos na região, nomeadamente nas necrópoles da Igreja de Santa Maria, na da Ermida de Nossa Senhora de Milides (VAA., 1998) e na da Ermida de São Saturnino (GARCIA, 1996).

Verificou-se ainda a existência de numerosos artefactos de cronologia neolítica (FERNANDES, SOUSA e CARVALHO, 2016), sendo um dos achados mais relevantes o da campanha de 2010, onde se recolheu um vaso completo em forma de “saco”, com asas bífidas e mamilado, sem decoração, típico das produções do V milénio a.C. (SOUSA e CARVALHO, 2015). (Fig. 3)

4. ANTIGAS CAVALARIÇAS, CISTERNA E ENVOLVENTE

Em 2010 iniciaram-se trabalhos arqueológicos no interior da fortificação nos espaços denominados por Antigas Cavalariças, constituídos por dois compartimentos confinados que se anexam ao pano de muralha Nascente.

O compartimento que se situa a Norte, perto da zona de entrada do Castelo, é constituído por mais quatro divisões para animais. A escavação identi-



Figura 3 – Vaso Neolítico junto aos limites da Sepultura n.º 8 .

ficou dois níveis de pavimento em pedra, um dos quais rematado junto às paredes por uma valeta empedrada e o segundo composto por caldeiras para plantação de árvores ou pequenos canteiros, possivelmente construído durante as reformas de D. Fernando II, criando um espaço ajardinado de acordo com as opções estéticas do jardim romântico, tal como também se verificou com a plantação da árvore no interior da Igreja de São Pedro de Canaferrim.

Com o alargamento das escavação foi possível verificar que a dado momento, os pavimentos foram destruídos pela abertura de uma vala para construção de uma galeria, a qual apresenta cerca de 1,40 m de altura e atravessa o compartimento de Oeste a Este, permitindo o escoamento de águas em excesso na cisterna. (Fig. 4)

O desmonte deste piso de “ajardinamento” veio também revelar uma base de uma coluna, construída em pedra argamassada, de secção quadrangular, com cerca de 60 cm. Esta estrutura parece corresponder a uma das colunas de sustentação



Figura 4 – Galeria de escoamento de águas da cisterna.

do telheiro, descrito por James Edward Alexander quando, em 1834, visitou o Castelo antes pois das reformas de D. Fernando II (ALEXANDER, 2003).

Os alicerces desta estrutura implantam-se no substrato granítico e o nivelamento do piso corresponde a um aterro intencional que conglomerou inertes de toda a zona. Nesta amálgama de terras de aterro foi possível recolher espólio arqueológico diverso, nomeadamente várias moedas, com cronologia semelhante às que se identificaram na necrópole e entre vários objetos em marfim e osso, recolheram-se duas placas de marfim com inscrição em árabe cúfico, provavelmente pertencentes a uma caixa ou cofre, do último terço do século XII (BARCELÓ e SOUSA, 2016).

A remoção do nível de aterro veio colocar a descoberto a rocha de base – granito – e nesta, bases de silos escavados na rocha. Estes silos encontravam-se danificados não tendo sido possível escavar um só exemplar que estivesse intacto.

Aparentemente alguns destes silos terão sido

parcialmente destruídos quando se nivelou e aterrou este espaço, pelo que estas estruturas de armazenagem já então estariam abandonadas. Todavia, é possível que alguns dos silos tenham sido abandonados porque já não cumpriam a função inicial devido ao seu uso intensivo.

Junto à muralha identificaram-se muros de um compartimento com orientação N-NE e O-SE, os quais fazem uso de um bloco granito para a sua edificação. No interior do espaço definido pelos muros foram recolhidos fragmentos de cerâmica comum de carácter doméstico, apontando uma função habitacional para este espaço. (Fig. 5)

Uma análise sumária das cerâmicas permitiu identificar formas tipo painéis e cântaros, e decorações pintadas a barbotina branca, típicos dos contextos islâmicos domésticos do século XI-XII (SOUSA, 2015). O dado mais importante relativo a esta estrutura reside no facto de os seus muros estarem sob a muralha, demonstrando claramente que se trata de uma estrutura anterior àquela.



Figura 5 – Habitação sob a muralha do Castelo.

Na escavação dos níveis de terra que se encontravam nos interstícios dos blocos de granito, foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica manual, semelhante à identificada na zona da necrópole, entre os quais cerâmica incisa com motivos de falsa folha de acácia (c. 5000 aC), fragmentos de cerâmica campaniforme, pertencente a uma taça do tipo Palmela (c. 3000 aC) e fragmentos de cerâmicas com ornatos brunidos (c. 1300 aC) (CARDOSO e SOUSA, 2014).

Foram igualmente realizados trabalhos de escavação arqueológica no compartimento Sul tendo-

-se identificado também os alicerces de duas colunas de secção quadrangular, semelhantes à que havia sido identificado no compartimento norte. O desmonte de uma destas colunas veio a revelar uma estrutura subcircular escavada na rocha, contendo no seu interior dois buracos de poste, duas bases de silos já destruídos e um outro intacto, com cerca de 2m de profundidade. (Fig. 6)

Os dados arqueológicos evidenciaram tratar-se de uma zona de armazenagem, com telheiro, que provavelmente estaria relacionado com um espaço doméstico que lhe estava contíguo, uma vez que se



Figura 6 – Compartimento 2 das Antigas Cavalariças.

identificou também neste compartimento, parte de uma habitação sob o pano de muralha, semelhante ao já identificado no compartimento Norte.

Com o desmonte da outra coluna, recolheram-se três grandes fragmentos de um vaso cerâmico de superfície brunida e decoração excisa (CARDOSO e SOUSA, 2014), mais uma vez indiciando o desmantelamento de uma ocupação mais antiga aquando da construção dos silos e dos vários aterros ocorridos nesta zona ao longo de séculos.

A escavação dos restantes níveis revelaria tam-

bém mais bases de silos destruídos, tendo sido possível recolher neste compartimento moedas cristãs da primeira dinastia, ferraduras, um candil islâmico e dois fragmentos de tigelas em *terra sigillata* que correspondem aos únicos vestígios do período romano até agora identificados no castelo (SILVA e SOUSA, 2015).

O alargamento da área de estudo para a envolvente das antigas cavalariças permitiu que se abrissem sondagens junto à cisterna e na esplanada das Cavalariças (setores 11 e 5).

A intervenção na envolvente da cisterna teve como propósito conhecer as estratégias de captação de água da referida estrutura, tendo-se aberto uma sondagem arqueológica ao longo da parede Oeste e outra perpendicular a esta na direção da vertente, onde se podem observar alguns “nichos” abertos no substrato e que estariam identificados como saibreiras.

Verificou-se que para construção da cisterna foi aberta uma vala escavada no substrato granítico, tendo esta seccionado pela metade dois silos, levando a concluir estar-se na presença de mais uma área ocupada por estas estruturas de armazenamento, sendo os referidos “nichos” o resultado do seccionamento vertical destas estruturas.

Considerando os vestígios identificados tudo indica que os níveis islâmicos terão sido destruídos pela construção desta cisterna. Este dado é também visível através da quantidade de fragmentos cerâmicos de época muçulmana também presentes no enchimento preservado de um dos silos, bem como através da identificação de mais seis destas estruturas de armazenamento na área entre a Porta da Cisterna e a Esplanada das Cavalariças.

Nesta área de esplanada executou-se uma sondagem entre a parede Sul das Antigas Cavalariças e a Torre Oca, tendo sido possível identificar mais um troço de muro associado a um silo em bom estado de conservação, fornecendo desta forma mais elementos para a constituição cartográfica da implantação do povoamento muçulmano entre os séculos X e XII. (Fig. 7)

5. PRAÇA DE ARMAS E ALCÁÇOVA

No âmbito da recuperação paisagística realizaram-se também sondagens arqueológicas pontuais na Praça de Armas com a intenção de procurar esclarecer a organização espacial oitocentista promovida por D. Fernando II e compreender a utilização do espaço em momentos anteriores a esta transformação.

As sondagens abertas permitiram identificar um troço de caminho pertencente aos canteiros do séc. XIX e com o desenrolar dos trabalhos identificou-se



Figura 7 – Habitação e Silo identificados na esplanada das Cavalariças.

uma grande quantidade de telhas, um pequeno troço de muro e ainda uma lareira semicircular formada por pequenas pedras de granito.

Com esta sondagem recolheu-se um grande número de vestígios cerâmicos entre os quais malhas de jogo em cerâmica de cronologia islâmica e uma taça carenada com fundo em ônfalo, filível em contextos do bronze final sugerindo mais uma área habitacional nesta vertente (Fig 8) (CARDOSO e SOUSA, 2014).



Figura 8 – Taça carenada com fundo em ônfalo.

É também de salientar que neste local, a par com outros vestígios pontuais recolhidos nos restantes setores de escavação, foi possível identificar vestígios de ocupações da Idade do Ferro, consubstanciados através de fragmentos cerâmicos de ânforas fenício-púnicas (SILVA e SOUSA, 2015).

Os trabalhos desenvolvidos na Alcáçova pretendiam fundamentar o tipo de fortificação existente, face aos vestígios habitacionais identificados nas restantes áreas escavadas. Foram abertas três sondagens arqueológicas no compartimento do poço-cisterna e nos dois compartimentos que o ladeia a Norte e Oeste, sensivelmente.

Dos trabalhos verificou-se que a área da Alcáçova foi sujeita a grandes remodelações que arrasaram praticamente todas as estruturas de fundação muçulmana. Identificaram-se vários muros de orientação semelhante aos compartimentos habitacionais identificados nas Antigas Cavalariças e na área da Necrópole, e junto a estes um grande aglomerado de telhas com decoração, entre estas, vários fragmentos de painéis e outras formas cerâmicas de recipientes islâmicos.

As áreas de intervenção são exíguas e bastante perturbadas, pelo que seriam necessárias outras sondagens que possibilitassem estabelecer relações e como resultado um discurso arqueológico mais completo e elucidativo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação escrita alusiva a Sintra e ao Castelo dos Mouros permite transmitir uma história que tem vindo a ser repetidamente reproduzida até aos nossos dias sem que, todavia, tal tenha completa correspondência nos dados que a arqueologia tem vindo a revelar.

O Castelo encontra-se extremamente marcado a nível estético e arqueológico pela grande intervenção efetuada por D. Fernando II, na década de 40 do século XIX. Esta implicou não só a enorme campanha de reflorestação da serra, dando origem ao aspeto que assume atualmente, como foi responsável por uma profunda remodelação do Cas-

telo, através das obras de recuperação das ruínas.

O conceito estético do romantismo que norteou esta intervenção, foi responsável pela criação de novas ruínas, tendo sido criados espaços recônditos para deleite da população, dando origem a substanciais movimentações de terras para criar novos espaços e caminhos. De referir, a título de exemplo, o já exposto caso da necrópole medieval da igreja de S. Pedro de Canaferrim que foi parcialmente destruída com a construção do caminho de acesso ao Castelo, ou os aterros identificados no interior das Cavalariças.

Os dados atualmente disponíveis, provenientes da Arqueologia, apontam para que a primeira ocupação deste local tenha ocorrido no Neolítico Antigo/Médio (c. 5000 aC). A natureza da ocupação não se encontra ainda bem definida, também por esta ter sido muito afetada com as obras de remodelação/conservação levadas a cabo desde o século XIX. Existem igualmente vestígios de uma ocupação calcolítica, materializada na taça tipo Palmela que foi recolhida no compartimento Norte das Cavalariças. A Idade do Bronze e a Idade do Ferro ocupam também uma presença notável representadas através dos vários fragmentos de vasos, taças e ânforas recolhidos. Todavia, destas duas ocupações não se identificaram quaisquer estruturas arqueológicas conservadas que possibilitassem conhecer melhor estas comunidades.

Em época romana o espaço do castelo pode ter sido ocupado por uma torre de vigia, que controlaria toda a região envolvente e a circulação marítima. É de sublinhar que deste ponto se avista até às ilhas Berlengas, local onde se conhece igualmente ocupação deste período. Esta interpretação é apenas uma hipótese, uma vez que do período romano apenas se identificaram dois fragmentos de cerâmica *terra sigillata* hispânica (c. 50 dC).

A serra de Sintra terá assumido maior importância como posto de vigia quando o Emirado de Córdova é assolado por ataques dos povos do Norte que se deslocavam por via marítima, atacando povoações costeiras e fluviais. A área do castelo terá representado então um importante ponto no con-

trolo e no combate aos *majus* (vikings).

O primeiro núcleo de povoamento medieval instalou-se, provavelmente, na área da Alcáçova, utilizando toda a encosta nascente do Castelo para a implantação do bairro islâmico, que terá funcionado a partir do século X até à conquista definitiva de Sintra, em 1147.

A Serra de Sintra possui todas as condições para a fixação destas comunidades medievais. Possui fontes de água natural, terras férteis que permitem o cultivo e subsistência e várias áreas de bosque e mato que proporcionam lenha e caça, acumulando o facto de que do alto dos seus penedos se controla um vasto território, proporcionando que se tornasse uma guarda avançada da cidade de Lisboa.

AGRADECIMENTOS

A autora gostaria de agradecer a todos os alunos da Licenciatura de Arqueologia da FCSH-UNL que participaram nestas escavações e aos arqueólogos e antropólogas que fizeram parte das várias equipas, nomeadamente, Alexandra Valente, Alexandre Fernandes, Ana Raquel Magalhães, Catarina Bolila, Filipe Pereira, João Maia Romão, Jorge Pinho, Márcio Beatriz, Márcio Martingil, Raquel Granja, Sónia Ferro e Tiago Pereira.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, James Edward (2003) – Um Esboço de Portugal durante a guerra civil de 1834. Livros Horizonte, Lisboa.

BARCELÓ, Carmen e SOUSA, Maria João de (2016) – Três peças Almóadas de Marfim (Sintra) in Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 19, DGPC, Lisboa, p. 293-300.

CARDOSO, João Luís e SOUSA, Maria João de (2014) – O Bronze Final na serra de Sintra. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 21, p. 361-374.

COELHO, Catarina (2000) – A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada in Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 3, nº 1, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, p. 207-225.

FERNANDES, Alexandre Richardson; SOUSA, Maria João de; CARVALHO, António Faustino (2016) – Cerâmica Simbólica Neo-

lítica do Castelo dos Mouros – Sintra in Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 19, DGPC, Lisboa, p. 33-40

FRANÇA, José Augusto (2010) – Lisboa – História Física e Moral.

GARCIA, Cristina, 1996 – “Ermida de São Saturnino: breve nota de uma escavação arqueológica na serra de Sintra”, Revista de Arqueologia Medieval, nº5, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, p.85-101.

LAING, Samuel (1844) – Chronicle of the Kings of Norway. Translated from the Icelandic of Snorri Sturluson, vol. III, London.

REI, António (2007) – “Os Rostos do Poder na Lisboa das Taifas (1009-1093). Novas leituras”, Actas do Encontro Internacional «Nova Lisboa Medieval II», Lisboa, IEM / Livros Horizonte, pp. 60-70.

RODIL, J. e CARVALHO, S. L. de. (1995) – Sintra: As Pedras e o Tempo. Sintra: Ministério da Educação.

SALDANHA, António Nuno (1988) – A capela de S. Pedro de Canaferrim, em Sintra. Contributos para o estudo de um monumento esquecido in Aedificiorum, Ano 1 – Junho.

SERRÃO, V. (1980) – Um ignorado templo pré-romântico: A capela de S. Pedro do Castelo dos Mouros. Jornal de Sintra, 2382-2384, Abril – Maio.

SILVA, Rodrigo Banha da e SOUSA, Maria João de (2015) – O Castelo dos Mouros nos Primeiros Séculos do I Milénio a.C., Almadan, IIª Série, 20. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 22.

SIMÕES, T. (1999) – O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra: contribuições para o estudo da península de Lisboa. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 12).

SOUSA, Maria João de (2015) – “Uma habitação do século XI/ XII sob a Muralha do Castelo dos Mouros de Sintra – Evidências Arqueológicas de um contexto doméstico” in X Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo, Silves, Outubro de 2015.

SOUSA, Maria João de e CARVALHO, A. F. (2015) – Campo de Investigação Arqueológica do Castelo dos Mouros, Sintra (Portugal): achado de um vaso neolítico inteiro em São Pedro de Canaferrim. Actas do 5º Congresso do Neolítico Peninsular. Lisboa: UNIARQ, pp. 280-283.

VVAA. (1998) – Sintra Património da Humanidade. Sintra: Câmara Municipal.

